

BIBLIOTECA DE ARQUIVO COMO LUGAR DE MEMÓRIA: EM PROL DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO BIBLIOGRÁFICO DO ARQUIVO NACIONAL

Alexandra Werneck da Silva¹

alexandra@an.gov.br

Daniele Achilles²

daniele.achilles@unirio.br

Resumo

Arquivos e bibliotecas possuem estreita relação, com isso, durante muito tempo e mesmo em dias atuais suas funções se confundem. A partir das peculiaridades e especificidades desses espaços, em especial, desta relação no Arquivo Nacional, essa pesquisa se iniciou. Como consequência da vivência de uma das autoras como funcionária da instituição, observou-se a necessidade de estabelecer um entendimento mais preciso do que venha a ser biblioteca de arquivo e esta pesquisa vem se desenvolvendo como parte do processo de seu mestrado em Biblioteconomia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Cabe ressaltar que os estudos sobre bibliotecas de arquivo são incipientes, isto é, existem poucas pesquisas que tratam dessa temática e esse aspecto motivou ainda mais o desenvolvimento dessa investigação. Desse modo, o objetivo do trabalho é apresentar o conceito biblioteca de arquivo e relacioná-lo aos conceitos de lugar de memória e patrimônio. Biblioteca de arquivo que é compreendida por Bellotto (2013) como a biblioteca que dá apoio bibliográfico aos trabalhos técnicos desenvolvidos em um arquivo público, além de prestar auxílio às investigações científicas das pesquisas históricas. E, Pierre Nora (1993), ao enfatizar o conceito 'lugar de memória', compreende-o como lugares que cristalizam as experiências, a história e memória. Ao apresentar essa proposta teórica: abordar o conceito 'biblioteca de arquivo' e configurá-lo como um lugar de memória, desejamos alertar também, que as bibliotecas de arquivos são instituições sociais e de memória e seus acervos podem contribuir para a preservação do patrimônio, da história e da memória institucional e, no caso estudado, nacional. Como afirmam Murguía e Yassuda (2007) ao estudarem critérios para tombamento de bibliotecas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ainda hoje há grande direcionamento para o tombamento e patrimonialização de suas estruturas arquitetônicas em detrimento da valoração de seu acervo. Para tal, foram definidos como objetivos específicos: apresentar o conceito biblioteca de arquivo, elencando suas características; abordar o conceito de lugar de memória em Pierre Nora (1993), configurando a biblioteca de arquivo como um lugar de memória; e, por fim, atrelar ambos os conceitos com o de patrimônio afim de justificar um novo olhar para este tipo de biblioteca. Para proceder esse estudo, informamos que essa é uma pesquisa de cunho essencialmente teórico, classificada como descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa e utilizou o método de pesquisa bibliográfica para alinhar as perspectivas teóricas e produzir novas contribuições ao campo da Biblioteconomia e, conseqüentemente, da Arquivologia, colaborando para a formação de um *corpus* teórico. Ademais, utiliza como campo empírico, mesmo não se aprofundando nas questões institucionais, a biblioteca do Arquivo Nacional. Conclui que, para além de simplesmente apoiar às ações desenvolvidas pelo próprio Arquivo Nacional, a biblioteca de arquivo é lugar de memória e reconhecer seu acervo (ou parte dele) como patrimônio pode contribuir para a preservação do patrimônio bibliográfico institucional e nacional.

Palavras-chave: Biblioteca de Arquivo, Lugares de Memória, Patrimônio, Arquivo Nacional – Biblioteca.

¹Arquivo Nacional, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

²UNIRIO, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

1. Introdução

Arquivos e bibliotecas são vistos como instituições que possuem estreita relação, e, com isso, por vezes, ao longo da história até os dias atuais, suas funções se confundem. Mesmo que cada um desses espaços possua peculiaridades e especificidades, cabe inferir que existe uma relação/interação entre eles. Isso fica mais explícito, por exemplo, quando nos voltamos a observar o caso do Arquivo Nacional, instituição-campo que serviu como estudo de caso desta pesquisa.

Genericamente, os arquivos e bibliotecas são instituições que possuem uma “grande função”: preservar os registros do conhecimento, contribuindo para a salvaguarda da memória. Essa é uma visão clássica atribuída a essas instituições, no entanto, cabe aqui traçar a diferença conceitual, mesmo que brevemente, entre elas.

Segundo Faria e Pericão (2008, p. 99), a biblioteca pode ser definida como uma “coleção organizada de livros e publicações em série e impressos ou de quaisquer documentos gráficos ou audiovisuais disponíveis para empréstimos, consulta ou estudo”. E o arquivo como “o conjunto orgânico de documentos, produzidos ou recebidos por uma pessoa jurídica ou coletiva ou por um organismo público ou privado, no exercício de sua atividade e organizados e conservados de forma permanente ou durante um determinado tempo” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 67).

De posse deste entendimento, vale ressaltar que essa pesquisa teve como mote as inquietações vivenciadas por uma das autoras como funcionária da instituição, a partir da observação da necessidade de estabelecer um entendimento mais preciso do que venha a ser biblioteca de arquivo. Nesse sentido, esta pesquisa vem se desenvolvendo como parte do processo de seu mestrado em Biblioteconomia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E, apresenta como objetivo produzir uma reflexão sobre como a biblioteca de arquivo pode ser vista como lugar de memória com a finalidade de preservar o patrimônio bibliográfico nacional.

Dito isto, essa comunicação admite a incipiência dos estudos sobre bibliotecas de arquivo e se coloca como um estudo que reflete parte do objetivo proposto sob a perspectiva da Biblioteconomia, Arquivologia, História e Memória com o intuito de compreender melhor este conceito. Desse modo, apresentamos o conceito biblioteca de

arquivo e relacionamo-lo ao conceito de “lugar de memória” enfatizado por Pierre Nora (1993), assim como introduzimos o conceito de patrimônio para gerar uma imagem sobre o assunto tratado. Cabe lembrar que o termo biblioteca de arquivo utilizado por Bellotto (2013), compreende esse tipo de biblioteca a partir da função de auxiliar provendo o apoio bibliográfico aos trabalhos técnicos desenvolvidos em um arquivo público. Além disso, essa biblioteca pode fornecer suporte às investigações científicas e históricas.

A partir desse recorde, compreende-se esta pesquisa como social, com caráter teórico, com delineamento qualitativo e enquadramento descritivo e exploratório que pode ser realizada por meio do método de pesquisa bibliográfica. Nesse sentido, foi imperativo utilizar uma composição teórica interdisciplinar que conjuga diálogos teóricos de autores da Biblioteconomia, Arquivologia, História, Memória e Sociologia para defender a ideia de que “biblioteca de arquivo” é um lugar de memória, isto é, conservam experiências, histórias e memórias, tal como nos ensina Pierre Nora (1993). Ademais, utiliza como campo empírico, mesmo não se aprofundando nas questões institucionais, a biblioteca do Arquivo Nacional.

2. Bibliotecas e arquivos como lugares de memória

Bibliotecas e arquivos são instituídos a partir da necessidade de armazenar documentos produzidos ao longo da história. Com o passar do tempo, com as mudanças dos suportes de registro do conhecimento, essas instituições ganharam novas atribuições, e a principal delas, é a preservação da memória. No entanto, zelar para que a memória não se perca, ou que esteja acessível à rememoração, é também um dos preceitos do que podemos chamar de lugares de memória.

O conceito lugares de memória (que será retomado posteriormente) foi cunhado por Pierre Nora, em 1993, quando o teórico publicou um artigo intitulado “Entre memória e história: a problemática dos lugares”, na Revista Projeto História da PUC-SP. Nora (1993, p. 7-8), a partir de sua percepção de que a memória “não existe mais” e por isso é necessário lhe “consagrar lugares” alicerça a ideia de lamentação a um

passado perdido, por isso é imprescindível a construção dos “lugares de memória”, locais onde o indivíduo possa resgatar seu elo como a história e memória.

Para alicerçar o objetivo geral desta comunicação utilizamos o campo da Memória Social, transdisciplinar por excelência, que possibilita reflexões mais alargadas sobre determinados fenômenos sociais. Nesse sentido, seguimos a linha tradicional, cujos teóricos como Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Michael Pollak e Jacques Le Goff subsidiam a estruturação da ideia de biblioteca de arquivo como lugar de memória.

O conceito “lugares de memória” cunhado por Pierre Nora tem como fonte e elo teórico as elaborações de Maurice Halbwachs, sociólogo francês cuja formação ocorreu na escola Durkheimiana. Halbwachs se dedicou a compreender a memória coletiva, isto significa que, para o teórico existe uma memória individual e uma coletiva e afirma que:

se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Jacques Le Goff, historiador francês, membro da Escola dos Annales, também fez considerações sobre o conceito de memória e a necessidade de preservá-la...

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 1990, p. 477).

O conceito de memória, devido sua complexidade, deve ser configurado a partir da combinação teórica, assim Michael Pollak, sociólogo austríaco, pesquisador do Centre National de Recherches Scientifiques (CNRS) corroborou com o sentido sobre o conceito de memória atribuído por Halbwachs (1990) e Le Goff (1990) e enfatiza:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias,

nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. (POLLAK, 1989, p. 9).

Com a finalidade de compreender melhor a função da biblioteca de arquivo no contexto da Memória Social, nos perguntamos “como preservar a memória?” E, para tal, Pierre Nora, historiador francês, também integrante da Escola dos Annales, pondera que é necessário o estabelecimento de lugares, os quais ele nomeia de “lugares de memória” cuja “razão fundamental de ser [...] é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado das coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial [...]”. (NORA, 1993, p. 22). E acrescenta:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebre, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria”. (Ibid., p. 13).

Dessa maneira, a partir da expressão “aceleração da história” (IBID, p. 7), Nora justifica a importância em preservar a memória, lamentando que esta se perca ao longo do tempo, pois o teórico acredita que “valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado” (Ibid., p. 13).

As perspectivas históricas e sociológicas apresentadas a respeito da memória fundam a discussão sobre o conceito e, para aproximar o conceito de biblioteca de arquivo, utilizamos o termo “lugar de memória” para alinhar as argumentações compostas na pesquisa.

3. Memória e biblioteca arquivo como lugar de memória

Ao apresentar a biblioteca de arquivo como lugar de memória, afirmamos a relação entre memória e biblioteca a partir da sua função de preservação do patrimônio, neste caso, nacional, já que a instituição-campo de pesquisa é o Arquivo Nacional.

Nesse sentido, Serrai (1975, p. 141) afirma que “à memória biológica e à memória cerebral, acrescentou-se a biblioteca, como memória coletiva das experiências

existenciais, científicas e culturais, do indivíduo ou da sociedade”. Enquanto Rodrigues (2014, p. 69) apresenta a evolução das funções das bibliotecas de espaços meramente depositários para espaços difusores de memória:

As bibliotecas, especialmente as públicas em virtude de sua missão social, deixaram de ser meros depósitos de registros para se transformarem em estabelecimentos cuja função primordial reside em salvaguardar e tornar acessível a herança cultural deixada pelos seres humanos do passado e do presente.

Ademais, é possível ainda incluir uma interlocução do conceito biblioteca com os de arquivos, como faz Cook, ao apresentar o termo “templo” que dita àquilo que pode ser lembrado ou esquecido. Assim:

Os arquivos são templos modernos - templos da memória. Como instituições, tanto como coleções, os arquivos servem como monumentos às pessoas e instituições julgadas merecedoras de serem lembradas. Igualmente, as que são rejeitadas por serem julgadas não merecedoras, têm seu acesso negado a esses templos da memória e estão fadadas, assim, ao esquecimento de nossas histórias e de nossa consciência social. (COOK, 1998, p. 143).

Sobre a dificuldade de encontrar literatura a respeito, a própria Bellotto (2003, p. 22) afirma que “pouco estudada pela Biblioteconomia e pela Arquivologia, a biblioteca de arquivo não tem sido alvo da literatura especializada”. Gallo León e Játiva Miralles (2003, p. 44, tradução nossa) corroboram ao afirmar que “embora necessária e presente em muitos arquivos, a biblioteca auxiliar foi e é profundamente ignorada tanto pela legislação e pelos regulamentos quanto pelo mundo das ciências da documentação, incluindo bibliotecários e arquivistas”³.

Quanto ao conceito, Bellotto (2003, p. 21-22) define biblioteca de arquivo como:

[...] a biblioteca destinada a dar apoio bibliográfico aos trabalhos técnicos de um arquivo público e aos trabalhos científicos da pesquisa histórica nele desenvolvidos, além de funcionar como uma espécie de depósito legal de

³ Aunque necesaria y presente en muchos archivos, la biblioteca auxiliar ha sido y es profundamente ignorada tanto por la legislación y reglamentación como por el mundo de las ciencias de la documentación, incluyendo por igual a bibliotecários y archiveros. (GALLO LEÓN; JÁTIVA MIRALLES, 2003, p. 44).

todos os documentos impressos produzidos pela administração na qual se insere.

Para Gallo León e Játiva Miralles (2003, p. 44) esta biblioteca é denominada “biblioteca auxiliar” ou de “referência” de arquivo e “constitui-se como ferramenta de apoio à divulgação do arquivo ou, o que é o mesmo no caso, como ferramenta de apoio à pesquisa realizada por qualquer usuário”⁴.

Segundo Bellotto (2003, p. 21), esta “biblioteca de apoio” possui as seguintes características:

1 – São bibliotecas adjudicadas a arquivos públicos permanentes, estando, portanto, descartada a hipótese de arquivos de primeira e segunda idades que, na realidade, não podem ser considerados “instituições”, como são as que abrigam os arquivos permanentes/históricos. Naquele caso são mais “documentos” ou conjuntos documentais de primeira e segunda idade do que propriamente documentos de arquivo, mesmo porque, nestes, em conformidade ao serviço e à informação que prestam, seus arquivistas usariam com mais proveito, salvo os manuais arquivísticos, os bancos de dados, centros de documentação e as bibliotecas técnicas do órgão ou da entidade a que servem, e não uma que lhes fosse própria.

2 – Não serão enfocadas bibliotecas ligadas a arquivos permanentes ou históricos de entidades do domínio do direito privado nem de órgãos públicos que não sejam os arquivos públicos ou arquivos históricos, aos quais se aplica a mesma argumentação, sejam eles do âmbito nacional, estadual ou municipal.

3 – Essa “biblioteca arquivística” de apoio não possui a mesma autonomia das bibliotecas municipais, estaduais ou nacionais, nem mantém com elas relação de semelhança ou dependência. Tem, isto sim, peculiaridades e especificidades próprias das bibliotecas institucionais.

A respeito dos objetivos e do campo de atuação das bibliotecas de arquivo, Bellotto (2003, p. 22) enfatiza que são: “o campo da arquivística, para usuários internos, o campo da historiografia, para os usuários externos, e ainda a guarda patrimonial dos arquivos impressos”. García Mercader (2009, p. 16, tradução nossa) reforça este posicionamento:

A Biblioteca Auxiliar assemelha-se a qualquer biblioteca especializada que dependa de uma instituição documental para a sua organização e

⁴ se conforma como una herramienta de apoyo a la difusión del archivo o, lo que es lo mismo en este caso, como una herramienta de apoyo a la investigación llevada a cabo por cualquier usuario. (GALLO LEÓN; JÁTIVA MIRALLES, 2003, p. 44).

funcionamento. É um instrumento de informação bibliográfica que cumpre uma dupla função, a primeira, ao serviço da AGRM que apoia na concretização dos seus objectivos e na execução das suas funções, e a segunda a servir de suporte nas exigências do usuário interno - o profissional do arquivo - e externo - o pesquisador.⁵

Martins e Conceição (2011, p. 22) apresentam o diferencial do usuário da biblioteca de arquivo, demonstrando também o apoio à pesquisa no arquivo.

O usuário de uma biblioteca apoio de um Arquivo Público, é um usuário especial e diferente daquele que pesquisa em uma biblioteca pública ou mesmo em uma biblioteca especializada. Nosso usuário, o pesquisador, faz uso do acervo bibliográfico com a finalidade de obter informações já registradas em publicações, para o esclarecimento de possíveis dúvidas que surgem no decorrer de sua pesquisa nas fontes primárias, isto é, na documentação pública armazenada no Arquivo. (MARTINS; CONCEIÇÃO, p. 22).

Bellotto (2003, p. 35) ainda reforça que para que a biblioteca de arquivo cumpra o seu papel “é preciso ter, nessas bibliotecas, algum recurso que permita compras de livros apropriados ao perfil de sua coleção, o que inclui, muitas vezes, livros raros ou número de revistas esgotados”.

Quanto aos produtos e serviços prestados, Bellotto (2003, p. 24-25) afirma que “a biblioteca há de se compor-se com os serviços culturais e educativos da instituição, promovendo exposições, debates, cursos, simpósios e outros eventos”. Ou seja, a biblioteca de arquivo deverá estar alinhada com os interesses da instituição a qual pertence.

Desse modo, estes espaços, considerados lugares de memória e detentores dos documentos que a materializam, e funcionam ainda como lugares de preservação do patrimônio bibliográfico nacional.

5 Considerações finais

⁵ La Biblioteca Auxiliar es similar a cualquier biblioteca especializada que depende de una institución documental para su organización y funcionamiento. Es un instrumento de información bibliográfica que cumple una doble función, la primera, al servicio del AGRM al que apoya en la consecución de sus objetivos y la ejecución de sus funciones, y la segunda servir de apoyo en las demandas del usuario interno —el profesional del archivo— y externo —el investigador. (GARCÍA MERCADER, 2009, p. 16).

Essa comunicação teve como intenção alertar para a importância do conceito biblioteca de arquivo no contexto da preservação do patrimônio bibliográfico nacional. Com vistas nisso, se define como uma linha de pesquisa de mestrado em Biblioteconomia sendo caracterizada como social, com delineamento qualitativo, apresenta como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica, documental e o estudo de caso, mesmo que este último não tenha sido explorado neste artigo.

A composição deste trabalho se estruturou a partir da observação de que é possível alinhar a relação entre os conceitos de memória e documento, memória e biblioteca, memória e patrimônio. Assim, como subsídio teórico para compreender o conceito ‘biblioteca de arquivo’ nos valemos da perspectiva que atribui a essa instituição social a etiqueta lugar de memória.

Diante de um olhar interdisciplinar foi necessário compor uma imagem sobre o assunto recorrendo a autores da Biblioteconomia, Arquivologia, História, Memória e Sociologia. E, por esse motivo, o conceito ‘lugar de memória’ cunhado por Pierre Nora foi indispensável para configurar o entendimento de que a biblioteca de arquivo, de certo modo, é o lugar que materializa a memória, não deixando-a cair no esquecimento.

De acordo com a elaboração teórica exposta neste trabalho, refletir sobre o conceito de biblioteca de arquivo traz como contribuição o fortalecimento deste lugar de memória no que tange a preservação do patrimônio bibliográfico nacional, neste caso, do Arquivo Nacional. Colabora com a ampliação do conceito de biblioteca de arquivo, bem como dos elementos essenciais à sua formação, ainda incipiente na área. E, para as instituições acredita-se que estas poderão apropriar-se dos conceitos e elementos propostos para estruturar suas bibliotecas.

Referências

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Biblioteca*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2020. Disponível em:
<http://www.arquivonacional.gov.br/br/component/tags/tag/biblioteca>. Acesso em: 05 dez. 2020.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Biblioteca de apoio em arquivos. *Arquivo Rio Claro*, Rio Claro, n. 1, 2003, p. 18-36. Disponível em:
http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/assets/difusao/curso_usp/AULA_4_Arquivo_Rio_Claro_n01_2003.pdf. Acesso em: 16 nov. 2020.

COOK, T. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 129-149, 1998. Disponível em:
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2062>. Acesso em: 08 nov. 2020.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

FARIA, Maria Isabel Ribeiro de; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008.

GALLO LEÓN, José Pablo; JÁTIVA MIRALLES, María Victoria. La biblioteca auxiliar de un archivo. *Archivamos*, Salamanca, n. 47-48, p. 44-54, 2003. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/262874386_La_biblioteca_auxiliar_de_un_archivo. Acesso em: 03 dez. 2020.

GARCÍA MERCADER, Trinidad. La biblioteca auxiliar del Archivo General de la Región de Murcia: un instrumento de información. *Tejuelo*, Murcia, n. 9, p. 13-26, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3309663>. Acesso em: 14 nov. 2020.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*, Campinas, SP: UNICAMP, 1990. Disponível em:
<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

MARTINS, Cleuza Regina Costa; CONCEIÇÃO, Maria Cristina d'Eça Neves Luz da. A biblioteca apoio do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. *Ágora: Arquivologia Em Debate*, Florianópolis, n. 6, p. 19-25, 2011. Disponível em:
<https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/377>. Acesso em: 02 nov. 2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*: revista do Programa de Estudos pós-Graduados em História e do Departamento de História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 20 out. 2020.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 06 nov. 2020.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de investigação em Ciências Sociais*. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1998.

RODRIGUES, Marcia Carvalho. Bibliotecas como lugares de memória: o caso sul-rio-grandense. *Patrimônio e Memória*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 68-83, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/424>. Acesso em: 21 set. 2020.

SERRAI, Alfredo. História da biblioteca como evolução de uma ideia e de um sistema. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 141-161, set. 1975.